

GT09: Antropologia das Emoções

Maria Claudia Coelho, Raphael Bispo

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidades. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer; h) emoções, sofrimentos e adoecimentos;

A experiência ansiosa: tratado de relatos emocionais do retorno às aulas em uma escola pública do Ceará

Autoria: ALEF LIMA

Contemporaneamente é difícil abordar com exatidão os efeitos da crise pandêmica (2020-2022) ainda em processo de dissolução no mundo. No campo da educação os chamados "prejuízos de aprendizagem" são apontados a partir de gráficos numéricos, tabelas de rendimentos, ranqueamento de desempenho que procuram situar quantitativamente os impactos educacionais em termos de performance acadêmica do alunado no período de Ensino Remoto e o quanto tal contexto desestabilizou, no caso do Estado do Ceará, um avanço progressivo nas áreas de língua portuguesa e matemática. Do outro lado da questão, o sujeito do desempenho, o sujeito da aprendizagem. O que fica dele, além do número? Este trabalho procura interpretar a experiência ansiosa de um conjunto de alunos e alunas da rede pública estadual cearense, tomando como protótipo de reflexão seus relatos emocionais acerca da angústia vivenciada no retorno as aulas, que ocorreu no final de 2021. O material empírico desse artigo ancora-se em duas fontes: tanto minha participação como professor da educação básica que presencia de perto a angústia dos/as adolescentes; quanto os depoimentos coletados dos/das discentes em que descrevem as sensações e a dimensão emocional de sua, assim chamada, ansiedade. Por mais que não haja nenhum laudo diagnóstico específico assegurando um quadro psicopatológico, muitos/as jovens dissecam uma constelação de sintomas comuns: boca seca, dor de cabeça, choro, falta de ar, sensação impulsiva de tristeza e inutilidade, perda momentânea da consciência em alguns casos. A proposta do texto, em um tom etnográfico é desvelar com ajuda da antropologia das emoções as imbricações entre a experiência emocional e, simultaneamente, corporal relatada pelos/as discentes e o próprio processo de escolarização no clima pós-pandemia. Parte dos resultados estabelecem duas possíveis causalidades: 1. A pandemia não acabou, há uma continuidade temporalizada nas emoções e 2. A escolarização não funciona apenas como forma de recalque emocional e controle institucional - ela, propicia, à revelia de sua intencionalidade, chorar um luto de alguma coisa que não se sabe que foi perdida.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

